

Caderno Dois

Vitória (ES), sábado, 19 de maio de 1990

Foto de Marco Coutinho



Foto de José A. Magnago



Paulo, com o elenco: na mira certa do inconsciente coletivo

Ana Lúcia, Branca e Alcione: damas em um jogo familiar e cruel

JOGO DE DAMAS

Em cena, o lado 'feio' que tantos têm em comum

Montagem local está próxima de completar um ano em cartaz, fora do circuito tradicional

Chico Neto

De tão habitual, dizer que o teatro capixaba está morto acabou por se vulgarizar em muita conversa perdida em fins de noite pouco promissores à mesa de bares que, a essa altura também pouco têm a apresentar. Esse público insatisfeito, principalmente, talvez devesse ver de perto o que se desenrola num enxuto espaço de 30 minutos em um palco onde direção e atuações espartas mostram o teatro local em plena vivacidade. É o que acontece na Sala Centro de Artes, da Ufes, onde desde ontem está sendo reapresentada a peça **Jogo de Damas**, texto do cubano Julio Matas com adaptação e direção de Paulo de Paula e, no elenco, Alcione Dias, Branca Santos Neves e Ana Lúcia Junqueira.

Em cartaz há quase um ano sem que isso signifique uma bilheteria americanamente vitoriosa, o espetáculo tem chamado a atenção de diferentes platéias, entre as quais, recentemente, destacou-se o público de Santa Teresa, durante a temporada de verão que o Circo da Cultura, do DEC, fez por lá. Santa Teresa foi a glória para nós", destaca Alcione Dias, impagável no papel de Ernestina. Não é para menos: em um público formado por gente de seis a 60 anos, em média, num dia chuvoso, foi que se manifestou a mais intensa audiência que o espetáculo já teve.

"É uma peça que se encaixa em todas as adaptações", ressalta Alcione, que, como Branca e Ana Lúcia, teve a oportunidade já de encarar diferentes temperos para suas performances, a partir de uma receptividade que um bom ator raramente não percebe de imediato, às vezes mesmo pelo simples observar o público através de cortinas cerradas. Basicamente contando a história de duas irmãs solteironas que após muitos anos reencontram uma amiga de infância com quem exercitam um catártico jogo de vingança por um passado em comum que deixou mágoas acumuladas, **Jogo de Damas** está reatada até hoje a apresentações na Sala

Centro de Artes — fora, portanto, do circuito do Teatro Carlos Gomes, uma espécie de Caneção das artes cênicas capixabas que, assim como aquela casa de espetáculo do Rio, é a que confere, aqui, atestado de sucesso de público às montagens.

Ainda assim, o trabalho tem marcado época justamente por sua característica que permite unir, a um só tempo, gostos heterogêneos e códigos de assimilação que às vezes nem conviveriam entre si: a universalidade do tema. Ou, melhor dizendo, as possibilidades que a trama em questão oferece de se alternarem, o tempo todo, as posturas de tragédia, comédia, suspen-

se e fino humor negro. "Existe uma identidade das pessoas com a coisa em si", aponta o diretor Paulo de Paula. Mas existe ainda toda uma história de montagem que, desafiada, se associa aos elementos que vêm fazendo de **Jogo de Damas** um trabalho de presença.

Consolidação

A produção deste espetáculo, texto de Julio Matas que foi o mais encenado de seus trabalhos até hoje, consolidou a formação do Núcleo Integrado de Artes Cênicas (Niac), ligado à Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, onde, aliás, Paulo de Paula e Ana Lúcia trabalham. Ele como coordenador do

Centro de Artes e ela professora de Cálculo II. Desde o início, este foi um empreendimento marcado pelo espírito de integração: diferente de tantas atividades às quais se atribui tal característica de maneira demagógica, **Jogo de Damas** funciona porque cresceu a partir da paixão de toda uma equipe pela possibilidade de realizar um trabalho sério.

Anteriormente a esta montagem, o então núcleo experimental, desde o início ligado também ao Centro de Artes, já havia apresentado **Longa Jornada Noite Adentro**, de Eugene O'Neal, **A Barca do Inferno**, de Alvarinto Mendes Filho, **Atenção Atenção**, de Bertolt

Para o autor, a melhor montagem

Num tempo qualquer, duas velhas irmãs que por certo testemunharam com a carne a decadência de seu status social, de repente recebem a visita de uma amiga contemporânea a quem não viam há longos anos. Ernestina e Celeste, as irmãs solteironas, não deixam muito disfarçada uma ponta afiada de despeito pela condição de Flora, burguesa que ascendeu na vida após "roubar" para si um noivo de carreira promissora que namorava com uma das duas irmãs. E pronto: está instalado o ringue onde, durante trinta minutos, as emoções oscilarão entre o cômico, o trágico, o patético e o inconstavelmente humano dom de viver com intensidade o amor e o ódio.

Flora, a que leva atualmente uma vida acomodada e confortável, tem de pagar até o último momento pelo crime que cometera, tirando de uma das duas irmãs a possibilidade de conhecer o amor e o fausto. Mais além, as duas se esmeram em resgatar detalhes de um passado desde o qual, agora mais do que nunca, jamais vão dar trégua à amiga contemporânea. Um a um, esfalelaram-se

os raios desse passado remoto cujas velhas, redundada no instinto primitivo da vingança, Ernestina e Celeste emoem brincando na fronteira do prazer com a perversidade.

Performance

Tal multiplicidade de emoções exige das atrizes uma performance igualmente camaleônica: é onde os clowns têm toda a abertura para vir à tona, de acordo com a intensidade com que se manifesta, inclusive a receptividade do público. "Ele, o público, é o quarto elemento da trama", completa Paulo de Paula, para quem os fios dessa história esbarram no chamado inconsciente coletivo. Para dar conta desse recado, Alcione, Branca e Ana Lúcia têm de ser, como são, inesgotáveis.

A garra com que todos se atiram a esta montagem repercutiu em uma carta do próprio Júlio Matas a Paulo de Paula, e que consiste atualmente no melhor certificado de qualidade que a versão capixaba de **Jogo de Damas** poderia ter. Nesta carta, Matas, que recebera uma có-

pia em fita de vídeo do espetáculo, superelogia o desempenho que encontrou. Mais ainda, ele chega a destacar que a montagem dirigida por De Paula é simplesmente "a melhor" que viu, até hoje, desse texto que foi ao palco pela primeira vez em 73, nos Estados Unidos. Igualmente ele destaca o trabalho de edição da equipe da TV Educativa local, atualmente tão desfalcada de suas produções mais vanguardistas em virtude de reflexos pós-Plano Econômico.

Única peça adulta em cartaz hoje no Espírito Santo — encenada e devidamente testada em termos de receptividade de público —, **Jogo de Damas**, após esta curta temporada na Ufes, já faz parte da agenda de alguns outros teatros do Estado. Em cada platéia, as performances podem mudar de tonalidade, mas a tônica, irredutivelmente, será a mesma. Vingança, crueldade e elementos do grotesco, afinal, não estão entre as faces que o ser humano tem prazer em expor. "Quem cumpre esta função, antropofágica, é o teatro", professa Alcione Dias. Com todo fundamento.

Brecht, e alguns outros espetáculos entremeados entre autores capixabas, nacionais e estrangeiros. **Jogo de Damas**, entende o grupo, fechou o ciclo por ter sido provavelmente o trabalho que melhor arrebatou o empenho de todos os participantes.

Durante os muitos ensaios e oficinas, que vinham sendo realizados em maio e junho do ano passado, uma das presenças fundamentais para que o projeto adquirisse corpo foi a do psicanalista Humberto Cossati, o desenhador de estudos mais aprofundados em cima da composição das três tão densas personagens. "Desde a primeira leitura, ele foi dando dicas a partir das quais nossa visão das personagens se aprofundava a cada dia", atesta Ana Lúcia. O resultado não poderia ter sido outro: as três atrizes cresceram mais a partir do momento em que se familiarizaram com o dissecar de seus protótipos em cena.

Tal assessoria, embora de papel importante em um laboratório de teatro, até onde se sabe teve raríssimos precedentes nas produções capixabas. Nesses poucos situa-se **Antígona**, e Sófocles, montada em 77, num dos ciclos que muita gente considera como dois mais efervescentes do teatro no Espírito Santo. "A ótica que a leitura psicanalítica apresenta enriquece muito o nosso estudo da personagem", testemunha Branca Santos Neves, envolvida com toda a trupe, em todo um esquema de pesquisa visando ao aprimoramento de um texto que o diretor Paulo de Paula desde cedo distinguiu como rico.

"É o tipo da pesquisa de transformação", ilustra Alcione. A partir, aliás, de todos os recursos disponíveis para viabilizar a peça, os participantes do grupo, desde o início, puderam se ver envolvidos em um movimento de essência irrecusavelmente comunitária. Um velho baú guarnecido com material para a peça **O Dia do Governador**, que na verdade eles nunca montaram, foi o primeiro achado a exercitar a imaginação de todos os que se propuseram levar à frente **Jogo de Damas**. Boa parte do figurino saiu dali, tendo sido o resto adquirido pouco a pouco, através de inúmeras visitas — de todos — a asilos e brechós. Quanto ao cenário, foi feito com sucata reconstituída de depósitos da própria Ufes. "O grande clima foi o entrosamento da equipe, que a todo tempo demonstrava o maior prazer em ir mergulhando nesse trabalho", orgulha-se Paulo de Paula.

A equipe

Engajada a primeira investida, os demais componentes do espetáculo foram se formando. A música, de um disco de Duke Ellington, por unanimidade é encarada como "a que veio a calhar". Além desse trabalho de escuta e adaptação, as oficinas se estenderam também ao corpo e à voz, e, mais além, a exercícios em que todos se esmeravam em imaginar o que estaria mesmo contido no passado das personagens Ernestina, Flora (Branca) e Celeste (Ana Lúcia). Exercitando ainda mais suas potencialidades, as atrizes, depois dos ensaios, trocavam constantemente de personagens, para que uma fosse fortalecendo na outra a consciência crítica.

Daí em diante, o que rolou foi e tem sido o motivo que conquistou, para **Jogo de Damas**, um público que de numeroso pode nada ter, mas que tende a crescer em cima de uma característica comum: a identificação com a peça. Mexendo com valores que, remetidos muitas vezes ao âmbito do reprimível, sobrevivem escamoteados mas fazem parte da composição básica de qualquer ser humano, a trama, concebida pelo autor para ser mostrada de maneira enxuta, consegue atingir seus canais. "Quando acaba, o público gostaria de algo mais, mas sente que o esquema está fechado e entende do que se tratou", diz Branca.

Eis porque, mesmo ainda sem perspectiva real de estender seu circuito além da Sala Centro de Artes da Ufes, **Jogo de Damas** tem estrutura de espetáculo que vem para ficar. Se não como **A Ratoeira**, peça que está em cartaz em Londres há 30 anos, de alguma forma esta montagem há de ser presenciada em âmbito maior. O que, aliás, já começou a acontecer, com a gravação que a TVE local fez e que será distribuída em nível nacional, pela Rede Brasil, para todas as emissoras educativas dos Estados brasileiros.